

A calculadora, o ChatGPT e as dívidas que a gente escolhe pagar

Walber Rufino, 19.06.2025

Há sempre um susto quando o futuro bate à porta. Ele nunca avisa. Chega de repente, com suas novas ferramentas, seus botões cintilantes e suas promessas de facilidade. E então, como bons humanos que somos, reagimos com aquele velho reflexo de defesa: o medo.

Foi assim com a **calculadora**, que nasceu em sua versão eletrônica lá pelos idos da década de **1960**, pelas mãos engenhosas de nomes como **Jack Kilby**, da **Texas Instruments**. Já se vão mais de **60 anos de existência**. Quando ela começou a habitar as mochilas escolares, não faltaram vozes aflitas prevendo um futuro sombrio: que os meninos e meninas de amanhã esqueceriam como somar, subtrair, multiplicar... Que os dedos, antes ágeis em contas invisíveis, se tornariam preguiçosos, dependentes de teclas e telas.

Foi assim também com a **máquina de escrever**. Lembra dela? Criada por **Christopher Latham Sholes** em **1868**, ela foi, por mais de um século, companheira fiel de escritores, jornalistas e estudantes. O som das teclas era quase uma trilha sonora das ideias ganhando forma. Até que, nos anos **1980**, chegou uma nova visitante: o **Microsoft Word**, lançado oficialmente em **1983**. Um cursor que piscava incessante na tela, como quem nos perguntava: *"E agora? Vai escrever ou vai adiar?"* Não demorou para que surgissem preocupações: estaria o Word nos convidando à preguiça? Seria uma ameaça à ortografia, à coesão, à disciplina dos parágrafos bem construídos?

Mais de **quatro décadas se passaram**, e o Word segue firme, agora em sua versão **365**, reinventando-se com atualizações constantes, como quem entende que até as ferramentas precisam evoluir para continuar servindo.

E depois... depois veio a **internet**, com seu primeiro suspiro de vida na forma da **ARPANET**, criada em **1969** pelo **Departamento de Defesa dos Estados Unidos**. Ligando universidades e centros de pesquisa, ela parecia, à época, um fio invisível unindo mentes distantes. Mas foi só em **1991**, com o nascimento da **World Wide Web**, pelas mãos de **Tim Berners-Lee**, que o mundo realmente mudou de página. De repente, as informações estavam ao alcance de um clique. Textos, links, imagens... tudo disponível, numa velocidade que assustava e fascinava ao mesmo tempo.

E, como não poderia deixar de ser, chegou a vez do **Google**, lançado em **1998**, revolucionar a forma de buscar informações. O medo da vez? Que os alunos, acostumados à rapidez de uma pesquisa online, jamais voltassem a consultar uma enciclopédia física.

Hoje, mais de **25 anos depois**, o Google continua sendo a porta de entrada para o conhecimento de bilhões de pessoas.

E agora... **chegamos ao ChatGPT**, o novo fantasma que ronda as salas de aula e os corredores acadêmicos. Seu nome, que pode parecer um código misterioso, na verdade é uma sigla simples: **Chat Generative Pretrained Transformer** — algo como *“Transformador Generativo Pré-Treinado para Conversa”*. Criado pela **OpenAI** e lançado ao público em **2022**, o ChatGPT tem **pouco mais de dois anos de existência**, mas já provocou debates dignos de tecnologias centenárias.

Recentemente, um estudo vindo do **MIT** trouxe gráficos, palavras difíceis e uma preocupação legítima: ao usar o ChatGPT para escrever textos, estudantes estariam contraindo uma tal **“dívida cognitiva”**. Em outras palavras: terceirizando o esforço mental e hipotecando, pouco a pouco, a capacidade de pensar com profundidade.

Mas talvez seja hora de perguntar: **desde quando a culpa é da ferramenta... e não de quem a usa?**

A calculadora não nos deixou burros. A máquina de escrever não nos deixou robotizados. O Word não apagou nossa criatividade. O Google não matou a pesquisa. Eles apenas nos ensinaram que **pensar é mais do que decorar ou repetir**. Pensar é saber fazer boas perguntas. Saber avaliar respostas. Saber ir além.

O ChatGPT, assim como todas essas outras tecnologias, é uma ponte. Pode nos levar a territórios onde, sozinhos, talvez demorássemos muito mais a chegar. Ou pode nos deixar parados, acomodados, se assim escolhermos.

O problema nunca foi a tecnologia. O problema é o que fazemos (ou deixamos de fazer) com ela.

Se usarmos a IA como bengala permanente, talvez fiquemos, de fato, com as pernas do raciocínio atrofiadas. Mas se soubermos transformá-la em um trampolim... quem sabe quantos saltos ainda podemos dar?

Afinal, cada geração tem os seus medos, os seus monstros tecnológicos e os seus dilemas. No fim, o que permanece é sempre a mesma escolha: **entre o atalho que empobrece... e o caminho que ensina. Entre a cópia automática... e a criação com sentido.**

O futuro, com todos os seus algoritmos, continua ali... batendo à porta. E a pergunta que fica, mais uma vez, é simples e antiga:

Como vamos recebê-lo? Com medo... ou com curiosidade?